

## Afetividade e Sociabilidade: Masculinidade no Amazonas nos relatos dos viajantes no século XIX.

**Antônio Emilio Morga\***

A cidade de Manaus nasceu, no entorno da Fortaleza de São José do Rio Negro que os portugueses construíram diante de uma possível invasão dos holandeses estacionados no Suriname. Nas imediações da fortaleza, a cidade se espalhou tendo o rio como referência. Em de 1758, torna-se capitania de São José do Rio Negro e 1832 passou à condição de Vila e, pela lei nº. 147 de 24 de outubro de 1848, aprovada pela Assembleia Provincial do Pará, foi elevada à categoria de cidade da Barra do Rio Negro. (Garcia, 2002, p. 26)

Logo, as primeiras casas surgiram, o comércio se instalou. Lentamente a cidade vai se desenhando com o surgimento dos primeiros prédios públicos: colégio jesuíta, hospital da santa casa de misericórdia, biblioteca pública, iluminação das primeiras ruas, sobrados surgiam, casa do governador, teatro e a fundação do seu primeiro jornal “Estrela do Amazonas”, fundado em 5 de setembro de 1851.

A cidade de Manaus se revigorava. Sua população crescia. Os sobrados surgiam. O comércio criava novos rumos. O poder público se fazia presente com seus monumentos. O seu porto recebia mercadorias vindas da Europa. [...]. Um povo devoto e festivo. (Benchimol, 1999, p. 68)

A cidade atraía estrangeiros e brasileiros de diversas origens e lugares. O burburinho na beira do porto, com pirogas chegando e partindo, transportando pessoas e alimentos. Tudo isso criava uma atmosfera acalentadora para a população de Manaus e seus visitantes. E, em frente à cidade de Manaós a

---

\* Pós-doutor e Professor do Programa de Pós Graduação e do Depto de História da Universidade Federal do Amazonas.

imensidão do Rio Negro com suas águas escuras a embalar o seu lento, mas contínuo, crescimento habitacional, populacional e econômico.

No decorrer do século XIX, Manaus recebeu, por vários motivos, a visita de diversos viajantes estrangeiros de diversas procedências e diferentes formações. Entre eles, mercenários, aventureiros, geógrafos, botânicos, engenheiros militares e naturalistas que vinham em busca de informações, aventuras e riquezas.

Ao vivenciarem o cotidiano da cidade e da população, estes viajantes observaram os usos, os costumes e a organização social, econômica e política da cidade na qual se encontravam inseridos. E, a partir dessas observações, formularam juízos éticos e morais sobre os modos e modas da população que visitavam e usufruíam da intensa vida de sociabilidades e das afetividades dos moradores dessa região.

Nas falas dos viajantes coligimos as imagens recorrentes sobre o comportamento masculino da população. Imagens que construíram a partir de suas observações diante do cotidiano dos homens de Manaus e do seu interior.

Robert Avé-Lallemant no ano de 1859 chega a cidade de Manaus. Sobre a população masculina e diante das suas práticas de sociabilidade o jovem médico francês e categórico ao afirmar: “Aliás, todos mandriam também em Manaus, todas as categorias e classes em geral, brancos, de cor, livres e escravos”. Diante de intensa preguiça cotidiana o coevo viajante francês registrou que não resistiu aos ondulantes seios das filhas da natureza, pois segundo relata “era prazeroso banhar-me tendo ao meu redor tão lindas jovens a mostrar a formosura dos belos seios morenos”. Não sabemos as consequências desses banhos nos igarapés do Amazonas, mas na procissão do Corpo de Deus observou que “os rapazes vieram endomingados para ver as moças”. E durante a quermesse no adro da igreja seu astuto olhar não pode deixar de verificar a elegância de alguns cavalheiros “Todos

muito bem trajados” embora com uma aparência um tanto desleixada e gesto grosseiros. (Avé-Lallemant, 1980, p. 106)

Grosseria e desleixo que constatou também pelo comércio. Conta o coevo viajante que nos armazéns os homens atendiam sua freguesia com roupas sujas e rasgadas e sem a mínima cordialidade com o trato com os clientes. Contudo em dias de festas os homens surgiam impecáveis nos seus trajes festivos.

Alfred Russel Wallace que viajou pelo interior do Amazonas e sucumbiu aos encantos de Manaus, registrou suas impressões em seu relato de viagem.. Para dar veracidade a sua extenuante narrativa e como quisesse demonstrar que por estas terras havia muita riqueza a ser conquistada profere que “Os mais civilizados moradores de Barra dedicam-se ao comércio, podendo-se dizer que não conhecem outras diversões a não ser beber e jogar [...]”. E diante do que constata formular juízo ético a respeito do comércio. “Essa paixão generalizada pelo comércio, segundo penso, leva aos três vícios que dominam a população local: bebida, jogo e mentira”.( Wallace, 1999, p. 110-234)

E diante desse desequilíbrio ético e moral, jogatina e comércio, o arguto viajante finaliza suas impressões diante da cidade, da falta de divertimento e acontecimentos sociais.

Nessas circunstâncias, pode-se bem imaginar que Barra não fosse de fato a melhor cidade do mundo para se morar. Além de sua já normal inexistência de divertimentos e de acontecimentos sociais, seus moradores tinham ainda de suportar a grave imoralidade que corria solta. (Wallace, 1999, p. 232)

Diante do que constata Wallace observou ainda que muitos homens casados passavam dias em jogatinas, bebedeiras e acompanhados quase sempre de prostitutas que perambulavam por determinadas casinhas. E quando bêbados, vagueiam, pelas ruas dirigindo palavras ofensivas contra as pessoas que encontravam. Não raro ver-se brigas, berros e empurrões como estivéssemos ainda na Barbárie.

Entretanto não foi somente o jovem viajante Wallace que registrou comportamento considerado inadequado da população masculina de Manaus. Neste período a imprensa através de notas, editais e publicação a pedido questionava em nome da modernidade os comportamentos afetivos e de sociabilidade da população masculina. Nas páginas dos periódicos que circulavam na cidade eram recheadas de advertência sobre as práticas de condutas dos homens manauaras. Aflito pelo que considera a própria barbárie, um jornalista solicita ao senhor chefe de polícia que tome providencias ao um grupo de desocupados que passam “os dias bêbados no adro da igreja, acompanhados de mulheres que abandonam suas casas, maridos e filhos para viverem na libertinagem. Deixando muitos lares em desgraça”. E ao finalizar o cronista assevera ao chefe de polícia “Que esta na hora de acabar com essas imoralidades na nossa cidade”. (Jornal, O Comercio 07- 09 – 1893)

Os agentes da modernidade, os ávidos do processo civilizador, não davam trégua. Sempre vigilantes a perscrutar o alheio. Foi com o intuito de chamar atenção de determinado homem de posição social que “O amigo da moralidade” nas páginas do jornal Estrela do Amazonas solicita a um alto funcionário do governo que “deixe de namorar determinada mulher casada”. Pois sua posição não permite a determinados desfrute que corrói a moral familiar da nossa combalida sociedade.

Em editorial o jornal do Comercio chama atenção das autoridades constituídas que “Não só do requinte, bom gosto vive a nossa prospera sociedade”. Cavalheiros que perfilam distinções nos salões da sociedade nas noites perambulam embriagados com mulheres de uma “feiura assustadora e de má reputação”. Acrescentando que esta imoralidade desenfreada é o motivo de “*tantos lares desfeitos*”. (Jornal O Comercio–21-8-1983)

Diante das dificuldades de bens materiais, de uma vida de sociabilidade e divertimentos o Barão de Santana Néri aconselhava,

Aconselhamos aos europeus recém-chegados a Manaus a não romperem bruscamente com sua antiga maneira de viver. Deverão adotar aos poucos, e por transições incessíveis, a alimentação da terra. Devem também se resguardar da atração sedutora de certos frutos. (Néri, 1979, p. 112)

E sobre a vida de sociabilidade e religiosidade da população manauara comenta que

Há novenas, à noite, na igreja da paróquia; e nas praças, as pequenas barracas de feira fazem sucesso. O sacro se mistura ao profano com uma ingenuidade encantadora. O brasileiro destas plagas não acredita que Deus deve ser excluído de seus divertimentos. (Néri, 1979, 113)

Comenta ainda que teve o desprazer de compartilhar cenas que considerou de uma selvageria incompatível com o mundo civilizado fundamentado na urbanidade e nos novos códigos de comportamento difundido pela principesca sociedade burguesa do século XIX. A cena que se reporta foi a “pancadaria envolvendo dois amantes de uma das mais distintas senhoras da sociedade” enquanto seu maridinho se distraía em “gracejos e risadinhas na porta da igreja para as núbias jovens que adentravam na casa de Deus”. (Néri, 1979, p. 116)

E segundo suas observações sobre os usos e costumes da população e sua imoralidade, indica o que contribui para chegar a esse estágio foi a geografia e a condição política da província amazonense.

Entre as causas que devem incentivar o desenvolvimento dessa imoralidade já tão generalizada podem-se considerar como das mais prováveis a posição geográfica e a situação política desta região, além do singular estágio de civilização atingido por seu povo. O clima tropical oferece menos opções de prazer, lazer e ocupação do que o clima temperado. (Néri, 1979, p. 235)

Jean Louis Rodolphe Agassiz que chefiou a expedição científica Norte Americana e que teve a companhia de sua esposa Elizabeth Agassiz passou alguns meses na região Norte e de modo particular no Amazonas. Elizabeth Agassiz na

oportunidade era responsável por registrar os dados colhidos pelo seu marido em um sucinto relato de viagem. São observações e impressões sobre raça, etnias, costumes, hábitos, habitação, economia, comportamento, clima, geologia moral, religiosidade e sociabilidade. Os Agassiz fazem, em seu relato, várias referências sobre os costumes da população manauara. E ao falarem das habitações, as descrevem:

A habitação se compõe de várias construções, das quais a mais notável é uma sala comprida e aberta, onde dançam as pessoas “brancas” de Manaus e seus arredores, quando vêm, o que não é raro, passar a noite no sítio em numerosa companhia; [...]. (Louis, 1975, p. 165)

E sobre a sociabilidade da população assevera que é um povo alegre, festivo e religioso. Também tece comentário sobre a dificuldade de encontrar acomodações com certo conforto em Manaus. E tentando chamar atenção de quem por ventura ao ler seu relato resolvesse conhecer a cidade de Manaus, que viesse preparado com cartas de apresentação.

Convém que nos entendamos a respeito: no caso desta narrativa decidir alguém a fazer uma viagem pela Amazônia, julgo dever de acrescentar que, mau grado a rigorosa exatidão do que precede, há muitas coisas essenciais ao bem-estar do viajante que não se encontram aqui por preço algum. Não há, por exemplo, em toda a extensão do Amazonas, hum hotel decente; ninguém poderá aqui viajar sem se munir de cartas de reconhecimento que assegurem ao portador a hospitalidade nas casas particulares. (Louis, 1975, p. 177)

Em seu relato também registraram acontecimentos sociais, que lhes foram prazerosos. Convidado em 20 de novembro, para almoço, pelo Sr. Dr. Epaminondas, presidente da província, “cujas amáveis atenções nos fizeram duplamente agradável a estada em Manaus”. Conta que o almoço transcorreu em perfeita sintonia entre os convivas e que a mesma “terminou com um baile improvisado” transcorrendo a festa em perfeita educação entre os convidados. E quando o redentor por sol surgiu “tomaram-se as canoas e voltou-se para a cidade,

todos, segundo suponho, sob a impressão de uma festa otimamente realizada”. (Louis, 1975, p. 176-7)

Não sabemos o que se passou durante o baile. Contudo nas entrelinhas do relato percebe-se que o baile em que participou o coevo viajante e que foi até o amanhecer causou-lhe certo conforto no seu coração, pois “o domingo é um dia de regozijo consagrado aos prazeres”. Entretanto, durante a festa, observou: “Não havia, na verdade, nem gelo, coisa pouco fácil de obter neste clima, nem champanha; [...]”. (Louis, 1975, p. 177)

Na falta de gelo e champanha que tanto procuraram, durante o festejo, o casal de viajantes, entretanto não deixou de perceber os modos e as modas na capital da província do Amazonas. Em inúmeras vezes no seu relato de viagem o casal francês Agassiz fez referências a educação, a cordialidade, a afetividade, a urbanidade e aos usos e costumes da população. Quase todos os viajantes que estiveram em Manaus no transcurso do século XIX teceram elogios diante da amabilidade e generosidade da população.

São falas de diversificadas formações e interesses mais que encadearam uma série de imagens sobre a cartografia urbana e de sociabilidade da vila e da cidade de Manaus nos séculos XVIII e XIX.

A terra era um autêntico deserto: desconhecido, bravio, inexplorado. A Amazônia era uma região perdida. Isolada de todos os lados por florestas ignotas e enigmáticas, lutava com dificuldades de contacto entre si e, bem assim, com outras regiões vizinhas. Vivia desamparada. As distâncias não eram medidas em quilômetros, mas, sim, em dias e meses. Tudo era penoso e problemático. (Dias, 1970, p. 1630)

Na imensidão e solidão da floresta, brigas motivadas pelo ciúme e até mesmo por assassinato eram corriqueiros no cotidiano de homens e mulheres que se aventuravam na extração de borracha no interior da floresta. Nos seringais do Amazonas, desavenças causadas pelo ciúme eram corriqueiras e faziam parte do viver no seringal. Nos seringais, o sexo feminino sempre foi objeto de cobiça,

desejo e disputa. A solidão da mata e as distâncias dos povoados tornavam os seringueiros sedentos de afeto, sexo e amor. Território descrito pela historiografia regional como lugar do masculino, os seringalistas viviam na luta cotidiana da sobrevivência. O desejo de uma mulher “feia, de qualquer cor, tamanho, idade, naturalidade, espécie moral, torturava o seringueiro”. (Reis, 1977, p. 83)

E foi por causa do ciúme que, na comarca de Sena Madureira, no alto Purus, no Amazonas, um seringueiro acometido de ciúmes durante um baile, lançou-se contra um dos seus ajudantes por suspeitar que um deles andasse de namoro com sua jovem esposa, pois, segundo o cronista do Jornal, “O Purus”, a moça possuía uma longa e bela cabeleira negra e era conhecida por ser espevitada e, segundo consta, se regalou a noite toda nos braços do jovem mancebo dançando e dando risadinhas. Neste entrevero, os conflituosos foram apaziguados e nada de mais grave ocorreu. Entretanto, na tarde de quinta feira, o marido enciumado, depois da desavença, espera na beira do barranco aquele que desfrutava dos encantos da sua esposa e desferiu alguns tiros certos que levaram a óbito o jovem Dom Juan dos seringais. História de amor, ciúme e dor. Contudo, nosso cronista, com certa ironia, informa também que a jovem esposa teria sido roubada do primeiro marido e seu amásio, por temer o esposo traído, que tinha fama de valentão na região, para se prevenir teria contratado o jovem mancebo para lhe proteger. Antes visto como ganhão que desafiou a honra do valentão, agora, visto como mais um corno do seringal. Levado pela suspeita, vergonha e dor, o segundo esposo vitimou de morte aquele que tinha por dever proteger-lhe a vida. (Jornal O Purus -25-06-1894)

O mesmo jornal, no mês de outubro, publica desavença amorosa ocorrida na festa da padroeira. Conta o jornalista que um grupo de seringueiros e regateiros se encontravam na taberna do senhor Altamiro, sentados em uma mesa de carteados, quando um deles começou a gritar de forma violenta com outro seringueiro desferindo contra o rival, punhaladas no peito. Apesar da gravidade dos ferimentos, a vítima se recupera na casa de um tio. A desavença deu-se por questão de ciúmes. O dito João, casado com uma mulher mais nova e vaidosa, já a



encontrara, em outra oportunidade, nos braços do rival. Avisados pelo marido ultrajado, não deram importância ao fato e continuaram com a prática do adultério que acabou em violência na noite da santa.

A historiografia Amazonense indica que várias tentativas foram feitas para solucionar a escassez de mulher no seringal desde encomendá-las às casas aviadoras até retirá-las à força dos cabarés de Manaus. Tornando-se a cidade de Manaus, nesse período, um grande pólo fornecedor de mulheres aos seringais do interior. E, ao que tudo indica, a prática de encaminhar mulheres para os seringais tinha a aquiescência das autoridades públicas. Muitas histórias de amores e traições terminaram seus dias em tragédias. Nos imensos seringais da Província do Amazonas, os crimes passionais eram fatos corriqueiros, aconteciam com significativa frequência. (Lage, 2010, p. 135)

Contudo, não só de violência viviam os homens dos seringais do Amazonas. No comércio da comarca de Sena Pereira, encontrava-se à venda, bota, charuto, bengala, chapéu, calça, gravata, perfume, paletó e camisas de algodão e seda. Nas páginas dos periódicos, a propaganda asseverava que os produtos masculinos vinham de Paris ou da Capital do Brasil. E nos dias de festa, eles perfilavam endomingados exalando seus odores e desfilando suas roupas elegantes pelos quatro cantos que a festa propiciava.

Um cronista, do jornal O Purus, extasiado por aquilo que considerou um

[...], mundo de cavalheiros, requinte e bom gosto tece elogios pelo comportamento de distinção e descrição em que ocorreu o jantar na casa do Coronel Antônio de Menezes. Diz ele que senhores em seus elegantes trajes de linho fumavam seus charutos e bebericavam licor logo após a ceia em perfeito ambiente civilizado. (Jornal O Purus – 20-05-1893)

Outro cronista parabeniza os cavalheiros diante da cordialidade e sociabilidade no baile da padroeira afirmando “sem distinção todos os cavalheiros mui bem vestidos e aseados se dobravam em gentilezas com as damas presente ao grande acontecimento social de nossa região”. (Jornal O Purus – 08-04-1894)

Enquanto isso, na cidade de Manaus, o jornal do Comércio lamenta a morte do marido traído pelo amante da sua esposa que, enciumado em vê-la de braços dados a fazer compras, lançou-se sobre o marido com fúria desferindo golpes mortais, causando a morte do infeliz em plena luz do dia. (Jornal, O Comercio- 10-11-1894) O mesmo jornal, tempos depois, registra escândalo nos festejos da padroeira. Na oportunidade, o compassivo maridinho, acompanhado pelo compadre, pegou sua esposa aos beijos atrás da igreja Matriz. Dizem que ela, em lágrimas, explicou o que tinha ocorrido e o dito maridinho arrumadinho a perdoou. O mesmo Jornal chama atenção das famílias e das autoridades sobre a frequência desenfreada de moços em determinada casinha onde a jogatina, bebida e mulheres entretêm muitos chefes de família e cavalheiros ainda moços. Segundo o jornal, “esses lugares de libertinagens que, aos poucos, vai tomando proporções alarmantes em nossa sociedade corroem a moral e o bem-estar da família manauara”. (Jornal O Comercio – 18-11-1894)

Em dias de novenas, a movimentação era intensa nas cercanias da igreja. Além dos encontros amorosos, do romântico convívio, o comércio rolava solto como constatou Barão de Santana Néri em sua visita a Manaus. E diante do que observa, o comportamento de um grupo de homens no adro da igreja chamou-lhe atenção. Seu olhar discreto contemplava de um lado o namorico de uma senhora com um moço bem vistoso, enquanto seu marido se entretinha do outro lado, com outros amigos a fazer graçinhas para as moças que se dirigiam para dentro da igreja. Esta cena o fez imaginar que o encontro entre o sagrado e profano era de uma ingenuidade angelical. Sobre o vestuário, comenta que os amazonenses copiavam a moda francesa. “Os homens se vestiam sombriamente de terno preto e com chapéus de seda e usavam vistosas bengalas em ouro e marfim”. (Néri, 1979, p. 111)

Surpreso diante da abundância de vida cotidiana de afetividade da população ficou o naturalista inglês, Henry Walter Bates, em sua passagem por Manaus. Ao conviver o cotidiano dos moradores de cidade o viajante inglês ficou chocado por aquilo que considerou uma degeneração contumaz de brancos, índios

e negros da Barra do Rio Negro. E diante das práticas de sociabilidade e afetividade da população, formulou juízo ético sobre o que via e o que ouvia falar de determinadas práticas relativas à afetividade da população manauara. Diante dos encontros amorosos à luz do dia, o viajante esbravejou e classificou como uma *imoralidade* e *indecência* esses encontros amorosos à luz do dia. Sua indignação aparece diante da constatação de uma vida amorosa de clandestinidade. Nas entrelinhas do seu relato demonstra toda sua cólera diante do que considera uma falta de pudor generalizada em todos os seguimentos sociais. O viajante narra que ao participar de uma reunião social na casa de um prospero homem de negócio não pode deixar de perceber que a imoralidade corria solta em todos os recônditos da casa. Diz ele “Atos de libinosidade, gesto e palavras obsenas eram proferidas por bocas entorpecidas pelo álcool. Por mais de uma vez constatei entre os presentes atitude que vergonhariam as famílias europeias”. (Bates, 1979, p. 69)

Em outra passagem de sua narrativa registra que a população masculina independente do traje que usa se comporta de forma inadequada no interior da igreja.

Tive a oportunidade de presenciar um cavalheiro bem vestido no interior da igreja usando palavras de baixo escalão e ofensivas contra sua esposa e filhas. Tal atitude causou desconforto as pessoas de bem que se encontravam no interior da Igreja. (Bates, 1979, p. 70)

Mais adiante relata ao seu afoito leitor que os homens de *classe inferior* tem o “péssimo habito de se esfregarem nas mulheres nas barraquinhas ao redor da igreja que vendem guloseimas”. (Bates, 1979, p. 70)

E asseverou que nada justificaria essa imoralidade sem freios que corria por todas as classes sociais. E, ao finalizar, como se buscasse veracidade no que relatava, comenta que já tinha residido em cidades pequenas no interior do Brasil onde o padrão de moralidade se igualava ao da Inglaterra.

Com base neste conjunto de falas sobre os comportamentos masculinos podemos acreditar nas narrativas dos viajantes que visitaram o Amazonas no decorrer dos séculos XIX ou estas atitudes masculinas reincidentemente relatadas seriam uma criação do imaginário destes viajantes?. Que instrumentos, teríamos para testar a veracidade dos fatos narrados pelos viajantes ao descreverem os comportamentos dos homens do Amazonas como inadequados ao mundo civilizado e contido por gentilezas de um mundo de representações difundidos por vários agentes e dizeres produzidos no século XIX?

Pelas narrativas dos viajantes podemos observar - resguardando o que fazia parte do imaginário de quem narrava - que os homens destas regiões também em determinados momentos eram partícipes de situações envolventes. Nossa hipótese se justifica na medida em que todos os viajantes descrevem de forma sistemática um homem benevolente e amável com determinadas práticas de sociabilidade e afetividade pré-julgadas pelos viajantes. Em nenhuma ocasião encontramos referência ao contrário. Se de um lado só temos falas masculinas construindo o homem desprovido de qualquer pudor, portanto, é a partir delas que contamos o que se passou no Amazonas, por outro, fica uma pequena dúvida diante dos papéis que eles encenaram.

Em momento algum estamos a dizer que os homens do Amazonas viviam uma vida desregrada, apenas chamamos a atenção do leitor para o fato de que sem exceção todos os viajantes registraram um comportamento masculino ambíguo aos discursos da sociedade burguesa da época.

Ao difundir novas maneiras de ser e estar em sociedade os agentes da modernidade imprimia na teia da sociedade manauara um conjunto de regras e receituários sobre o viver no mundo público e privado. Questionando aquilo que consideravam inconveniente as novas pedagogias de sensibilidade, urbanidade, afetividade e sociabilidade os amantes do mundo burguês tratavam de difundir as clivagens de condutas na inebriante burguesia do Amazonas.

Não é objetivo desta comunicação ir em busca de uma verdade dos contecimentos, e sim tentar compreender as práticas afetivas masculina que possibilitaram a construção do homem do Amazonas. Talvez, o melhor conhecimento que se pode ter deles vem da descoberta de que papel eles encenam no cotidiano, onde as imagens são extraídas da sua visibilidade no espaço público do Amazonas.

### **Bibliografia**

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No Rio Amazonas** (1859). Trad. Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Manaus; Editora Valer, 1999.

DIAS, Manuel Nunes. **A Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão (1755 – 1778)**. 1º. Vol. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

GARCIA, Etelvina, **O poder judiciário história do Amazonas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado de Governo/Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas, 2002.

LOUIS, Agassiz. **Viagem ao Brasil: 1865 – 1866** [por] Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. Trad. de João Etienne Filho. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

MARCOY, Paul. **Viagem pelo Rio Amazonas**. Trad. introdução e notas de Antônio Porro. 1º. Ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, Secretária de Estado da Cultura, Turismo e Desportos e Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MORGA, Antônio Emilio. **Nos subúrbios do desejo: masculinidade em Nossa Senhora do desterro no século XIX**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

NÉRI, Frederico José de Santana. **O país das Amazonas**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

REIS, Artur César Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1977.

LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulheres e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas. (1880-1920)**. Manaus, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Amazonas.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Trad. Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri.- Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

## **Periódicos**

Jornal, O Comercio - 1893, 1894 e 1895

Jornal do Purus – 1893 e 1894.

Jornal Estrela do Amazonas – 05-01-1851